

## **A LEITURA DE CLÁSSICOS LITERÁRIOS EM SALA DE AULA: RECONHECENDO SABERES EM UBIRAJARA, DE JOSÉ DE ALENCAR**

Aniele Cristina Rodrigues (PROFLETRAS – UFU)<sup>1</sup>  
Thais Nunes Xavier dos Santos (PROFLETRAS – UFU)<sup>2</sup>

**Resumo:** Neste artigo, propomos uma reflexão a partir da comunicação apresentada por nós no Congresso Internacional 2018 da Abralic, Circulação, tramas & sentidos na Literatura, realizado na Universidade Federal de Uberlândia. O objetivo desta comunicação foi expor uma proposta de intervenção direcionada à ampliação do gosto pela leitura dos clássicos literários nas aulas de Literatura e Língua Portuguesa, partindo da obra *Ubirajara*, de José de Alencar, a fim de promover um olhar crítico e consciente do aluno para o papel do indígena em nossa sociedade, considerando diversos pressupostos teóricos e a legislação que estabelece a obrigatoriedade do ensino da história e cultura indígena na educação básica.

**Palavras-chave:** leitura literária; crítica social; ensino/aprendizagem.

Ao abordarmos questões que envolvem a leitura literária de clássicos em sala de aula, iremos destacar a importância da leitura literária para construção do aluno como leitor, o papel do professor e os desafios por ele enfrentados na formação de alunos leitores, além do reconhecimento dos saberes que permeiam a leitura da obra *Ubirajara*, de José de Alencar, dentre eles, as três forças da Literatura (BARTHES, 1989), os elementos para o desenvolvimento das ideias (SOSA, 1978) e a temática indígena de estudo obrigatório, conforme a Lei 11.645/08. Por fim, apresentaremos propostas de prática de leitura em sala de aula, com base na Sequência Básica (COSSON, 2009), como norte para professores de Literatura e Língua Portuguesa que enfrentam o desafio da leitura literária em sala de aula.

### **A leitura literária e a construção do aluno leitor**

Ler um texto literário abre infinitas possibilidades, considerando que, “por meio da leitura toda a nossa intimidade, mesmo a mais secreta, vem à tona – em liberdade – para desvendar o que as palavras nos reservam.” (QUEIRÓS, 2012, p.86). Nesta perspectiva, a leitura do texto literário na escola não deve ser considerada apenas para objetivos pedagógicos, mas sim como algo essencial para o desenvolvimento do aluno enquanto

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal de Uberlândia. Professora da rede pública municipal de Uberlândia - MG. E-mail: anielecristina@gmail.com.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal de Uberlândia. Professora da rede pública municipal de Uberlândia - MG. E-mail: tatanx18@hotmail.com

sujeito leitor, que exerce o direito de desfrutar dos prazeres que a literatura é capaz de proporcionar.

Queirós (2012, p. 86), aponta que “a literatura é uma das possibilidades que encontramos para confirmar a vida como possível e razoável pelo que existe nela de conhecido e ainda por conhecer.” Assim, temos na literatura uma oportunidade para que nossos alunos desenvolvam um conhecimento de mundo que vá além do que se aprende na escola e no convívio social, pois por meio do texto literário, é possível interagir com diversos ambientes e saberes, sejam eles reais ou imaginários, visto que “na leitura literária todo sonho é possível, todo absurdo, explicável, redes são tecidas e o conhecimento manifestado.” (QUEIRÓS, 2012, p. 86)

Cândido (1970, p.174) aponta a literatura como a criação universal por meio da qual todos os homens em todos os tempos se manifestam, assim seria impossível viver sem ela, “ela se manifesta desde o devaneio amoroso ou econômico no ônibus até a atenção fixada na novela de televisão ou na leitura seguida de um romance.” (CÂNDIDO,1970, p.175). Estando a literatura presente de forma tão incisiva na vida do homem, a escola, sendo um ambiente de formação, não deveria negá-la ou restringir o seu papel.

Queirós (2012, p. 86), afirma que “a literatura configura-se como condição significativa para que os processos em educação ganhem em qualidade”, tal afirmação se deve ao fato da literatura não tratar realidade e fantasia como opostos definitivos. No texto literário, estes dois elementos se mesclam para servir à expressão dos saberes que estão no texto, assim como para o aluno, ser humano em construção, que transita da realidade para a fantasia a fim de compreender melhor o mundo que o rodeia.

O que vemos na maioria dos casos, porém, é que a literatura está presente nas escolas, não como uma ponte entre o homem e o “universo fabulado” (CÂNDIDO,1970, p.174), mas como uma obrigatoriedade curricular. Cabe então, refletir sobre o papel do professor como mediador da leitura literária.

### **O papel do professor como mediador da leitura literária.**

Segundo Queirós (2012, p. 87), “professor é antes de tudo aquele que acredita na realidade como possível de ser alterada pelas constantes buscas de realização pela humanidade.” este processo de transformação da realidade ao qual o professor se dedica diariamente é uma tarefa árdua com diversos obstáculos a serem vencidos.

No que diz respeito à leitura literária em sala de aula, o professor passa por diversos desafios, dentre eles está uma carga horária de trabalho que não lhe permite buscar uma formação continuada onde poderia aprender novas metodologias didáticas e o desinteresse percebido por ele nos alunos, que acaba desmotivando a busca por atividades inovadoras. É importante, assim oferecer a este professor uma direção para que ele possa mediar a leitura literária em sala de aula.

Cosson (2009) nos traz a uma sequência básica de leitura que traz um norte para o trabalho com a leitura em sala de aula. Está sequência engloba desde a motivação para a leitura até a interpretação que o aluno fará do texto literário.

A motivação, segundo Cosson (2009, p. 54) “consiste exatamente em preparar o aluno para entrar no texto.”. Neste momento o professor pode propor alguma atividade ou até mesmo falar sobre o texto com empolgação, ao perceber que o próprio professor se interessa pelo texto, o aluno pode se sentir motivado a realizar a leitura.

Na introdução, Cosson (2009, p. 57) sugere que seja feita a “apresentação do autor e da obra.” Este é um momento breve de contextualização do texto a ser lido. Na sequência, Cosson (2009, p. 61-64), temos a leitura com o acompanhamento do professor, tal leitura não deve ser associada a cobranças, já que o intuito é que o aluno enxergue a leitura como algo prazeroso, o autor sugere ainda que sejam realizadas as “atividades do intervalo” entre a leitura de cada trecho do texto, que servirão para orientar o aluno na compreensão do texto.

Por fim, Cosson (2009, p. 64-69) apresenta a última etapa da sequência, a interpretação, que se divide em um “momento interior”, no qual predomina o processo da “decifração”, do “encontro do leitor com a obra” e um “momento externo”, no qual há “a concretização, a materialização da interpretação”.

Apesar de ser uma sequência pré-estabelecida, há uma flexibilidade em sua aplicação, cada professor poderá trabalhar de acordo com sua realidade. As etapas poderão ser invertidas, mescladas e algumas até excluídas, caso o objetivo já tenha sido alcançado.

### **Reconhecendo saberes em Ubirajara**

O texto literário é um ambiente no qual vários saberes circulam, tais saberes estão interligados e são capazes de tocar o leitor e transportá-lo para dentro do universo do texto, assim sendo, é necessário que o professor conheça os saberes que estão na obra a

ser lida e que dê a seus alunos liberdade para que identifiquem saberes que vão além dos que estão na superfície do texto.

Conforme Barthes (1989), a literatura possui três forças que explicam de que forma o imaginário atravessa o real, representando as forças de liberdade que residem na literatura. Essas forças são representadas pelos três saberes que giram dentro do texto, possibilitando a identificação de muitos conhecimentos, abarcando todas as ciências.

Barthes (1989) nos apresenta a *mathesis*, que trata dos saberes que giram e não se fixam, possibilitando a transgressão do leitor, sem fixar conhecimentos. Refere-se aos conhecimentos múltiplos presentes no texto literário.

A outra força da literatura discutida por Barthes (1989) é a *mimesis* que se refere à representação do real, que é demonstrável pela literatura. O real é demonstrado pela literatura à medida que o real é constituído pelo imaginário e um é atravessado pelo outro. Através das relações interpessoais, o real é demonstrável pela literatura, reforçando seu poder de transgressão, necessário ao ser humano.

A terceira força da qual nos fala Barthes (1989) é a *semioses*, a qual representa a força sógnica da linguagem, as simbologias presentes no texto. A *semioses* está relacionada aos vários sentidos e significados que o texto nos diz, obtidos pelo fato de a literatura dizer muito além do que se diz. Essa força é representada pela potencialidade da palavra literária que tem o poder de ir além do que se lê, além das palavras.

A leitura do texto literário em sala de aula possibilita o contato com os diversos saberes por meio das três forças da literatura, pois promove o encontro do aluno com a língua e com a arte ao tornar-se, o texto literário, objeto de estudo.

Segundo Sosa (p. 42, 1978), “a criança lê naturalmente aquilo que lhe dá prazer”, ou seja, é preciso que a leitura seja prazerosa ou que a forma com que leitura será organizada seja prazerosa. Dessa forma propomos nesse trabalho uma sequência básica de leitura associada aos conceitos de Cosson (2009) e Sosa (1978), no que se refere à leitura do texto literário em sala de aula.

O texto literário deve ser considerado literatura de qualidade, quando se mostra aberto e não escancarado, possibilitando diversas viagens, internas e externas, ao leitor, reforçando a presença do imaginário no mundo real. A literatura nos mostra que somos seres humanos, que temos sentimentos, que temos sensibilidade.

A leitura literária proporciona ao público leitor o experimentar ficcionalmente, pois o texto literário não é um portador de mensagens, ele desperta várias leituras. Assim, ao ler, o indivíduo se faz sujeito ao invés de apenas sujeitar-se, pois o texto literário dá abertura para as reflexões imprescindíveis para a múltiplas semioses presentes em uma linguagem capaz de suscitar emoções, sentimentos, ideias, críticas, opiniões, pensamentos, dúvidas, certezas, dentre outros conflitos humanos.

Segundo Sosa (1978), há alguns elementos que devem estar presentes no texto para que haja identificação da criança com o seu “alimento literário”. Primeiramente, o caráter imaginoso deve se fazer presente “descrito com beleza poética, ou em forma mais ou menos realista e livre de toda lisonja idiomática, dito em largas tiradas subjetivas ou em poucas e simples expressões que completam sua expressividade com desenhos e ilustrações que mais sugerem do que dizem” Sosa (p. 37, 1978)

O dramatismo é outro aspecto que deve ser contemplado no texto literário destinado a crianças, segundo Sosa (1978). Esse aspecto caracteriza-se pelos adjetivos ideal e absurdo, realista e despojado e é importante para concentrar a atenção da criança e globalizar suas imagens anteriores. Os dramas encontrados no texto literário, vividos pelos sentidos no ato da leitura passam a ser o drama do próprio leitor.

Sosa (1978) nos apresenta outro aspecto importante que é a técnica do desenvolvimento. Esta deve ser condizente com a “avidez do leitor”, referindo-se ao modo como o autor desenvolve a história, entrelaçando os acontecimentos, prendendo a atenção do leitor.

A linguagem deve aparecer no texto literário, segundo Sosa (1978), de forma simples, pura e precisa. Deve ser uma linguagem poética, literária, metafórica, dotada de semioses e simbologias, que permitam inúmeras leituras e exerça seu poder humanizador por meio do poder da linguagem sobre o outro e sobre si mesmo.

É importante ressaltar que as características citadas, conforme Sosa (1978), que definem uma literatura de qualidade para crianças, são elementos interligados que, percebidos ao longo do texto, estabelecem uma relação de dependência entre si na construção de sentidos.

Considerando a lei 10.639/03, alterada pela Lei 11.645/08, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira, africana e indígena em todas as escolas, públicas e particulares, do ensino fundamental até o ensino médio, optamos pela escolha

da obra *Ubirajara*, de José de Alencar, para leitura de acordo com a sequência básica de Rildo Cosson (2009).

A escolha da obra *Ubirajara* foi devido à demonstração da realidade que há no romance, retratando aspectos da cultura indígena, em seus dramas fortemente vividos por suas personagens intensas e vivas. Por se tratar de uma obra que conta sobre a vida em comunidades indígenas de um Brasil remoto, o qual representa uma história, por vezes, esquecida ou tratada de forma equivocada ou caricata, pensamos em desenvolver um trabalho de leitura e, sobretudo, de resgate de aspectos da cultura indígena esquecidos.

O romance indianista de Alencar apresenta de forma poética e literária as três forças da literatura, propostas por Barthes (1989), pois o que observamos é uma história dotada de *semiosis*, em que a simbologia está presente de forma muito significativa na construção de sentidos.

Há evidentemente a presença da *mathesis*, porque é uma obra em que podemos notar os saberes girando em torno de uma história com muitos conflitos e dramas. O romance aborda variados conhecimentos, mas não fixa nenhum deles, ao contrário, aponta uma riqueza de detalhes relacionada, principalmente, à cultura indígena.

A *mimesis* é percebida através das relações interpessoais que perpassam a história, possibilitando-nos observar o real demonstrável em cenas de belas paisagens, conflitos amorosos, batalhas, dramas, costumes, romances, formas de vida adversas daquelas que conhecemos.

Conforme Sosa (1978), na obra em estudo, observamos o caráter imaginoso fortemente presente por ser uma história que se passa em um espaço imaginário em que as personagens vivem cercadas por deuses misteriosos e seres folclóricos. A técnica de desenvolvimento se destaca, pois o autor escreve de forma a conduzir o leitor a viver a história, incentivando o desejo de querer continuar a leitura e saber o destino das personagens.

A linguagem que nos é apresentada é artística, poética, permite diversas leituras e exige esforço e discussões para compreensão das metáforas presentes na construção de sentidos. O dramatismo aparece no romance de forma que o leitor assume o drama vivido pelas personagens como seu drama pessoal e suscita o desejo de lutar com ele em suas batalhas. As características da obra, juntas, fazem de *Ubirajara* um clássico que ressalta a importância da figura do índio para nossa cultura.

### **Propostas de atividades**

Inicialmente, seguindo a sequência básica de Cosson (2009), será feita a motivação com a leitura de algumas lendas: A lenda do Guaraná, A lenda da criação das estrelas, A lenda da mandioca, A lenda do arco-íris. A atividade será desenvolvida em grupos, em que cada um receberá uma lenda para leitura. Após a leitura, cada grupo apresentará para a turma o que a lenda lida conta: qual o assunto, quais as personagens, qual o ambiente onde elas acontecem, o que elas têm em comum, se já conheciam a lenda e se conhecem outras. Essas questões são um direcionamento para a discussão que deve ocorrer em uma aula.

A introdução será feita na aula seguinte com breve apresentação do livro e do autor, aproveitando para explorar as informações contidas nas partes dos livros como: capa, contracapa, orelha, prefácio. Nesse momento, o professor poderá aproveitar para falar, brevemente, sobre o autor José de Alencar, para contextualização da obra.

Ainda nesta segunda aula, o professor proporá a leitura dos capítulos iniciais da obra “Ubirajara”, “Advertência”, e “O caçador” em sala de aula. O professor deverá atentar-se para a leitura em voz alta juntamente com a turma, auxiliando na compreensão do texto lido, caso os alunos tenham dificuldade com a linguagem do autor. Ao final da aula, o professor pedirá que os alunos leiam em casa o capítulo “O Guerreiro”.

A terceira aula da sequência será uma leitura intervalada em que o professor apresentará aos alunos a música “Índios”, da banda Legião Urbana. Nesta aula, a turma analisará a letra da música a partir de questões propostas pelo professor em comparação com o romance lido. É importante que o professor faça a contextualização da letra da música, interpretando, junto com os alunos, a linguagem metafórica que compõe a canção.

O professor iniciará a quarta aula com alguns comentários referentes ao capítulo lido em casa: “O Guerreiro”. A turma lerá em sala de aula o capítulo “A noiva”, juntamente com o professor. Durante as leituras em sala de aula, o professor poderá alternar as estratégias de leitura: em voz alta, em grupo, individual, o professor lê e a turma acompanha, dentre outras formas.

Na quinta aula da sequência, o professor fará uma leitura intervalada por meio de apresentação de projeção de imagens de algumas obras de arte, com representações indianistas, como por exemplo a obra de Victor Meirelles, *A primeira missa no Brasil*, de

1860. A intenção dessa apresentação é discutir com os alunos representações da cultura dos índios na pintura, problematizando formas de se valorizar a cultura indígena atualmente: o que o índio representa para nossa história? De que forma o índio é lembrado atualmente? Como o índio é tratado pelos “brancos”? De todo o extenso território brasileiro, o que sobrou para o índio? Esses são alguns exemplos de questões para direcionar a discussão. O professor poderá solicitar aos alunos uma pesquisa sobre a situação atual do índio e outras questões que podem ser levantadas com a discussão.

É importante que o professor atualize suas leituras com relação à situação dos índios para que ele seja capaz de promover uma discussão rica em informações, capaz de problematizar a situação dos índios desde os primórdios do descobrimento e toda violência pela qual povo indígena passou e ainda passa. É bom que esta atividade intervalada seja realizada em ambiente adequado, onde contenha DataShow, computador com acesso à internet para eventuais pesquisas.

Ao final da discussão, o professor solicitará que retornem na próxima aula com a leitura concluída dos capítulos “A hospitalidade”, “Servo do amor” e “O combate nupcial”, e tragam a pesquisa solicitada por escrito ou digitada.

Na sexta aula, o professor realizará uma atividade de leitura intervalada em que será feita a descrição do espaço na narrativa de Alencar. Para tanto, o professor levará impressa a letra do Hino Nacional Brasileiro, para leitura e análise, dando destaque à paisagem brasileira, enaltecendo sua beleza natural. Ao final da aula, o professor comentará brevemente com os alunos sobre o que leram, em casa, nos três capítulos solicitados. O professor pedirá aos alunos que leiam os capítulos “A guerra” e “A batalha” em casa.

A sétima aula será a leitura do último capítulo “A união dos Arcos” em sala de aula. Ao terminar a leitura, o professor discutirá alguns pontos que julgar necessário dos capítulos que foram lidos em casa e sobre o final do livro.

O professor fará uma atividade intervalada na oitava aula com a música “Todo dia era dia de Índio”, de Jorge Bem Jor e a leitura do poema “Os índios”, de Antônio Miranda. Os alunos ouvirão a música, lerão a letra para maior compreensão. Os alunos lerão o poema e analisarão os dois textos, para, então, criarem algo que represente o que discutiram até aqui com a sequência básica: algo que represente o que aprenderam com as leituras e os textos: desenho, frase, poema, música.



De acordo com a sequência básica, o professor deverá finalizar as atividades com a interpretação que consiste nas projeções de leitura e de interpretação. Para isso, na nona aula, em grupos, os alunos discutirão sobre as temáticas abordadas no romance: Bravura; Lealdade; Valentia; Poligamia; Desvalorização da cultura indígena em detrimento da europeia; Luta entre as tribos; Paisagem paradisíaca brasileira; Disputas de poder; Relações amorosas; Elementos da Cultura Indígena.

O professor, orientará os alunos a discutirem de que forma as temáticas escolhidas por eles aparecem em Ubirajara, orientando-os a encontrar no texto do romance os exemplos das temáticas. Cada grupo fará anotações sobre os exemplos dos trechos selecionados exemplificando as temáticas.

A décima aula será destinada à apresentação para a turma das anotações feitas pelos grupos. Cada grupo explicará sobre as temáticas escolhidas e fará a leitura dos trechos da obra que as exemplificam. O professor deverá orientar a discussão propondo questionamentos para o grupo e para a turma, direcionando a discussão.

Para o encerramento das atividades, o professor proporá uma atividade de pesquisa em que os grupos trarão um outro texto no qual se observa a mesma temática abordada pelo grupo, como por exemplo, música, poema, obra de arte, reportagem, etc. Os alunos deverão analisar o texto escolhido, mostrando sua relação com a temática abordada no romance lido.

O professor deverá organizar um cronograma de apresentação dos grupos e orientar os alunos nas pesquisas e na montagem dos trabalhos. Se houver a possibilidade de as apresentações acontecerem em ambiente apropriado, com DataShow e Internet disponível para uso, o trabalho será mais proveitoso e de mais qualidade, por isso é importante que haja cooperação entre todos, alunos e professores.

### **Considerações finais**

Neste artigo, buscamos refletir sobre a importância da leitura literária em sala de aula direcionada para os clássicos, pois são textos de fácil acesso para o professor, estando presentes em grande parte das bibliotecas escolares.

Apresentamos ainda uma análise sobre os saberes presentes no clássico Ubirajara, de José de Alencar, destacando as três forças da literatura (BARTHES, 1989), o dramatismo, a linguagem, e o caráter imaginoso da obra (SOSA, 1978), bem como sua

adequação à lei 10.639/03, alterada pela Lei 11.645/08, que torna obrigatório o ensino da história e cultura indígena em todas as escolas brasileiras.

Por fim, propusemos atividades práticas que podem contribuir para o trabalho com a leitura literária na escola, sendo estas adaptáveis a qualquer obra que o professor possa escolher para trabalhar com seus alunos.

Dessa forma, por meio deste artigo, pretendemos oferecer ao professor ferramentas para que ele vença os desafios do trabalho docente com a leitura literária, principalmente, na construção do discente como sujeito leitor.

### **Referências**

ALENCAR, José de. **Ubirajara**. 8ª ed. São Paulo: Ática, 1984

BARTHES, Roland. **Aula**. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1989.

BRASIL. Decreto n.11.645, de 10 de março de 2008. **Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena**. Brasília, 2008.

CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: \_\_\_\_\_. **Vários Escritos**. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul/ São Paulo: Duas Cidades, 2011.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. ABREU, Julio (org.). **Sobre ler, escrever e outros diálogos**. Belo horizonte: Autêntica, 2012.

SOSA, Jesualdo. **A literatura infantil**. São Paulo: Cultrix, 1978.